

“a dívida impagável:
lendo cenas de valor
contra a flecha do tempo”

denise ferreira da silva



O transtorno começou bem antes do 9 de julho de 1976, quando o percebi, mas 9 de junho é o dia do qual me lembro. Era meu aniversário de vinte e seis anos. Foi também o dia em que encontrei Rufus – o dia em que ele me chamou para si pela primeira vez.

- Octavia E. Butler¹

Quando se encontram pela primeira vez, Rufus é uma criança, um menino de no máximo 3 ou 4 anos, se afogando no rio enquanto à margem, sua desesperada mãe gritava por socorro. Quando Dana finalmente rompe o vínculo matando-o, Rufus é um homem que herdou a fazenda e os escravos de seu pai, e que decidiu agir como dono de escravos forçando-a a ser sua amante. Por seis vezes Dana é forçada a voltar no tempo para a Maryland do pré-guerra Civil dos Estados Unidos da América do Norte, para salvar a vida de Rufus; algumas dessas jornadas são breves, outras parecem durar o tempo de toda uma vida. E de certa maneira, é isso. É o tempo da vida de Rufus. Contudo, é também o tempo de vida de Dana: sua estendida e expandida vida intemporal, que perdura através da escravidão e para além de sua ordem, estendendo para sempre a obrigação de manter o dono-antepassado vivo. Notavelmente improvável, o fardo de Dana na novela *Kindred* de Octavia E. Butler é historicamente incompreensível. Toda vez que a escritora afro-americana de ficção científica posiciona Dana no passado para salvar a vida do senhor-proprietário da avó de Dana, sua heroína perfoma uma ação que preserva o seu presente, sua própria existência. Toda vez em que ela reverte a flecha do tempo – como o que se tornou aquilo que permite o que aconteceu, ela viola os três pilares onto-epistemológicos (a teoria do conhecimento, a teoria do ser e a teoria da prática) – a saber, separabilidade, determinação e sequencialidade – que sustentam o tempo linear.²

Certamente, toda vez que Dana retorna à Maryland do pré-guerra civil, ela rompe a separabilidade; vivendo como escrava, sua existência atravessa o tempo linear.³ Ainda que, não sem custos. As fixidezes do tempo-espço formal assumem diferentes formatos, incluindo a própria parede na qual seu braço fica preso durante sua última viagem de retorno do passado, após ter esfaqueado seu dono-antepassado,

*O conceito de dívida impagável foi introduzido em Paula Chakravartty e Denise Ferreira da Silva, "Accumulation, Dispossession, and Debt: The Racial Logic of Global Capitalism – An Introduction," *American Quarterly* 63, no. 3 (setembro de 2012). Este texto foi inicialmente escrito para uma apresentação no evento "O tecido do Capitalismo", realizado no dia 4 de novembro de 2016, na série "Apatride Society and the Political Others: Integrated World Capitalism and the Ithageneia Condition Coordenada por Max Jorge Hinderer Cruz, Nelli Kambouri, and Margarita Tsomou, e parte do programa publico de Documenta 14, em Atenas. Esta tradução esta baseada na versão ampliada do texto que foi publicada em Quinn Latimer and Adam Szymczyk (Eds). *The Documenta 14 Reader*. Munique and New York: Prestel Publishing. Gostaria

de agradecer Quinn Latimer pelos comentários e sugestões na versão em inglês e a Amilcar Packer por traduzir o texto para o português.

1. Octavia E. Butler – *Kindred* (Boston: Beacon Press, 2004), p.12. Em português, Octavia E. Butler - *Kindred: Laços de sangue*. Editora Morro Branco (São Paulo, 2017).

2. Para uma melhor explicação desses pilares, vale referir-se a Denise Ferreira da Silva "Sobre Diferença sem Separabilidade", 32a Bienal de São Paulo: Incerteza Viva, ed. Jochen Volz e Júlia Rebouças, catálogo da mostra, Fundação Bienal de São Paulo (São Paulo, 2016) pp. 57-65.

3. Para uma contextualização do uso de transversalidade ver Denise Ferreira da Silva "Toward a Black Feminist Poethics: The Quest(ion) of Blackness Toward the End of the World," *The Black Scholar* 44, no. 2 (Summer 2014), pp. 92-94.

quando ele tentava violentá-la. Porém, parte dessa incompreensibilidade desaparece quando se nota como *Kindred* reencena determinação e sequencialidade. Toda violação da separação do tempo-espaço, pelas viagens de Dana contra a flecha do tempo, é determinada por uma ameaça à vida de Rufus; cada uma segue a sequência linear de seu tempo de vida. Apesar disso, embora a vida de Rufus determine a sua relação – que se desdobra espaço-temporalmente na Maryland do pré-guerra Civil dos Estados Unidos da América do Norte – a obrigação de Dana somente faz sentido se, ignorando a separabilidade, a intuição liberta a imaginação para mover e apreender a implicação profunda (o nível quântico do emanhamento) de tudo o que aconteceu e ainda está porvir na existência espaço-temporal.

4 Seguindo a pista de *Kindred* de que separabilidade, determinação e sequencialidade sustentam o conhecimento do que acontece na atualidade (como é acessado pelos sentidos), mas não em virtualidade (como é acessado pela intuição), é possível imaginar implicações profundas, isto é, conexões que excedem o espaço-tempo. Em se tratando disso, a improbabilidade da tarefa de Dana, (manter Rufus vivo) e sua resolução (matá-lo) desaparecem, assim como sua intuição descobre que sua dívida com Rufus, sua própria vida, não recai somente sobre ela. Apesar de Dana não ter determinado a sua própria vinda à existência, manter-se viva é de sua responsabilidade, seu fardo – isto é, é algo que ela possui ou tem. Apesar de Rufus manter-se vivo ser necessário para a sua existência, o fato dele ser o dono dela é também uma ameaça direta à sua vida. Matando Rufus, Dana liberta-se de uma obrigação que não lhe cabia, porque na *atualidade* (no espaço-tempo), devido ao tempo linear, não se é responsável pela existência do próprio antepassado. Mantendo-se viva, contudo, Dana permanece endividada aos seus antepassados porque, novamente na *atualidade*, devido ao tempo linear, eles são responsáveis pela sua existência. Quando Rufus, seu pai-dono a ameaça com violência total (estupro e morte), ela paga a dívida – liberando-se da obrigação de mantê-lo vivo; ela rompe paradoxalmente a relação pela necessidade de autopreservação. Eticamente, a dívida de Dana é uma dívida impagável: é uma obrigação moral que carrega, mas que não deveria ter que saldar, pois a relação que essa reconfigura é mediada por uma forma jurídica, um título, o que não se aplica às relações entre pessoas (parentesco ou amizade), isto é, entidades morais modernas (iguais e livres). Economicamente, a dívida de Dana é impagável, já que a forma jurídica do título que governa a relação econômica (propriedade) dono-escravo autoriza o uso da violência total de modo a extrair o valor total criado pelo trabalho escravo, o que resulta em descendentes de escravos existindo em escassez. Então, sim, Dana deve (eticamente) a dívida que não cabe (economicamente) a ela pagar.

Remodelando a violação à sequencialidade de *Kindred*, o método aqui ignora a separabilidade e recompõe o valor atentando para a violência fundante do capital global. Porquê? Por que é projetada como contribuição para um programa ético-político de descolonização, isto é, o retorno do valor total expropriado do trabalho escravo e das terras nativas. Em ambos níveis experienciais e conceituais a separabilidade torna essa articulação particular da reivindicação de descolonização incompreensível porque a temporalidade linear (ou sequencialidade) organiza ambas. Por um lado, há descrições do que acontece em nossas experiências diárias em termos de eventos separados, que se sucedem ou simultâneos, que podem ou não estar relacionados uns aos outros. Quando uma relação é atribuída,



ela geralmente toma o formato da identidade ou eficiência: eventos estão relacionados porque são do mesmo tipo ou em termos de causa e efeito. Por outro lado, conceitos e categorias, descrevem o que acontece de uma maneira que reencena as operações de espacialidade, descrições do que acontece no tempo. De fato, a espacialidade é reconfigurada quando (a) o que é simultâneo é compreendido em termos de variação ou de modalidade; ou (b) quando o que é sucessivo consiste em um estágio no progresso, retrocesso ou desaparecimento de um existente particular. Então, o que estou propondo é que a descolonização requer descrições de eventos e de existentes que violam a separabilidade em ambas instâncias, sem reencenar o Mesmo hegeliano.

5

O que estou fazendo nesse ensaio, ao pensar sem a separabilidade ou pensamento fractal, não é uma descrição de eventos e existentes, mas um engajamento com a descrição clássica do materialismo histórico da produção de valor. Embora isso seja ainda um exercício kantiano, a saber, uma crítica, disso não decorre o procedimento típico, que é operar por meio da teoria para expor as condições inerentes de possibilidade e fundamentos de validação.⁴ Ao invés disso, estou apresentando um método que nada mais é do que a descoberta das componentes e movimentos de uma imagem, no sentido de Walter Benjamin,⁵ que estou chamando de dívida impagável – uma obrigação que se deve mas que não cabe a si mesmo pagar. Essa imagem dialética foi inspirada na recente “crise dos subprime” nos Estados Unidos, que ajudou a inaugurar o derretimento financeiro de 2007 e 2008. Estou falando, claro, dos empréstimos com taxas de juro exorbitantes e variáveis que levou a falências afetando primeiramente compradores de casa afro-americanxs e latinxs despossuídxs, que foram culpabilizadxs pela crise financeira que transformou a paisagem econômica global de maneira muito dramática. Contudo, isto não é uma análise da mais recente crise financeira.⁶ A dívida impagável, enquanto imagem dialética, guia uma leitura do valor simultaneamente nas cenas econômica e ética, o que nos permite ver como o capital é a mais recente configuração da matriz moderna de poder e, enquanto tal, uma que conta com dispositivos de conhecimento (conceitos e categorias), uma gramática ética (princípios e procedimentos) e arquiteturas jurídico-econômicas (práticas e métodos), que derivam sua força de como a necessidade, concebida como critério para a verdade e figuração do poder, opera por meio de separabilidade, determinação e sequencialidade.

Do evidenciar a violência enquanto se viola as separações impostas pelos pilares onto-epistêmicos modernos, decorre que apresento uma leitura das cenas de valor, econômicas e éticas, projetadas para

4. Para um exercício que se move para além da crítica e apresenta uma alternativa, ver Stefano Harney and Fred Moten, *The Undercommons: Fugitive Planning and Black Study* (Wivenhoe, UK: Minor Compositions, 2013).

5. A imagem dialética aparece em inúmeros textos de Walter Benjamin como por exemplo no *Passagens*, (Ed. UFMG, 2006). A autora se refere a versão inglesa, *The Arcades Project* (Cambridge: Cambridge University Press, 2002), p. 463.

6. Para um conjunto de análises da “crise do subprime”, que aborda suas dimensões raciais e globais, ver Paula Chakravartty e Denise Ferreira da Silva, eds., *Race, Empire and the Crisis of the Subprime* (Baltimore: John Hopkins University Press, 2013).

sustentar o argumento de que o capital global sobrevive do valor total da expropriação do trabalho escravo e da terras nativas.⁷ E mais particularmente, esse exercício apresenta o procedimento do pensamento que sustenta essa (mais alongada) formulação de minha figura guia: *a Dívida impagável recobra expropriação, o modo de extração de lucro característico da colônia moderna, que é o momento da matriz jurídico-econômica do capital e que performa a apropriação do valor total exigida para a criação do capital por meio do uso da violência total*. O que essa formulação engendra é uma leitura da descrição do valor de Marx em uma matriz nacional – a Inglaterra do século XIX –, que já está implicada em figurações prévias e posteriores da matriz moderna do poder, a saber, o colonial e o global.

COLONIAL \ RACIAL \ CAPITAL

“A descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva.”

- Karl Marx⁸

6

Em novembro de 2016, antes da eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, a crise financeira global de 2007 e 2008 foi o evento racial mais importante do século, precisamente porque os empréstimos subprime expõem como a racialidade funciona no capital global. Talvez o aspecto mais perturbador do escândalo dos empréstimos subprime é a figuração da escassez como excesso. O que os tornou lucrativos para instituições financeiras – e as seguranças amparadas no sistema hipotecário que as tornou tão atrativas aos especuladores – foi o fato de que aquelas pessoas que os detinham, assim o faziam justamente pela sua falta de ativos. Devido à sua desposseção econômica, as pessoas que fizeram empréstimos subprime foram forçadas a pagar mais via exorbitantes taxas de juros, cobradas pelo dinheiro que haviam tomado emprestado. Inaptos, “indignos” mutuárias, negras e latinas da classe trabalhadora e baixa classe média carregavam uma dívida impagável – assim como a personagem Dana de Butler – precisamente porque a relação que reconfiguram é uma na qual funcionam como instrumentos financeiros e não como pessoas. Eticamente, sua inabilidade em obter e pagar empréstimos fez de suas hipotecas valiosos instrumentos financeiros. Isto é, os bancos lucraram com a propriedade de inabilidade em pagar dessas mutuárias – esse risco implicou altas taxas de juros, estas que os

7. Para uma similar, porém, diferentemente enquadrada crítica racial e tendencial da acumulação, ver Anthony Farley, “Colorline as Accumulation,” *Buffalo Law Review* 56, no. 4 (December 2008), p. 953.

8. Karl Marx, *Capital*, vol. 1, *The Process of Production of Capital*, ed. Friedrich Engels, trans. Samuel Moore and

Edward Aveling (London: Lawrence and Wishart, 1996), p. 749. Karl Marx. *O Capital: Crítica da Economia Política*, Livro I, *O processo de Produção do Capital Trad. Rubens Enderle*, (Boitempo Editorial), p.998.

FONTES NEUZEIT S, GEORGIA E UNIVERS
PAPEL CRIACOR 120 g/m² E PÓLEN BOLD 90 g/m²
IMPRESSÃO RISOTROPICAL
TIRAGEM 200 EXEMPLARES



CASA
DO POVO



**oficina
imaginação
política**

Lugar de agência e afetos entre modos de fazer, aprender e cuidar
intervenção nos sistemas de (re-)produção e invenção de mundos
implicação ética nas contradições e paradoxos das coletividades

OIP é uma iniciativa implicada em práticas discursivas e performativas
envolvidas com imaginação radical e justiça social. Suas principais
atividades consistem em grupos de estudo, leituras públicas, debates e
oficinas, práticas de escrita e tradução coletiva, impressos e publicações
on-line, buscando distribuir e desenvolver ferramentas. Oip foi iniciada
em 2016 como uma proposta de Amílcar Packer para "Incerteza Viva - 32ª
Bienal de Arte de São Paulo" e é composta por Valentina Desideri, Jota
Mombaca, Michelle Mattiuzzi, Rita Natálio, Thiago de Paula e Diego Ribeiro.
Em 2017, a *Oficina* desloca suas atividades para a Casa do Povo integrando
o projeto "futuros possíveis" realizado com apoio do PROAC Editais.